

**O BULLYING NA ESCOLA:
COMO ALUNOS E PROFESSORES LIDAM COM ESTA VIOLENCIA?**

EDJÔFRE COELHO DE OLIVEIRA
FACULDADE SANTO AGOSTINHO – FSA

RESUMO: esta pesquisa teve como objeto de estudo a percepção de professores e alunos de escolas públicas estaduais do município de São João do Piauí em relação ao *bullying* escolar entre alunos do ensino médio. O tema *bullying* tem sido estudado largamente nos campos da Educação, Psicologia e Direito, entre outros, referindo-se a atitudes hostis, agressivas e mesmo violentas que sistematicamente ocorrem nas relações interpessoais em contextos grupais. A pesquisa pretendeu contribuir com seus resultados para que estudantes e profissionais dos campos da Educação e Psicopedagogia ampliem as reflexões sobre o tema e, ainda, discutir possíveis intervenções que possam prevenir ou minimizar o efeito do *bullying* escolar. Definiram-se como objetivos a serem alcançados analisar, no âmbito teórico, os temas socialização, atitudes, crenças, preconceitos sociais, formação da personalidade moral, *bullying* e educação moral e realizar pesquisa empírica sobre a percepção de professores e posicionamento de alunos sobre o *bullying* escolar. Optou-se pela pesquisa metodológica empírica de base qualitativa, utilizando a entrevista por questionários como instrumento para coleta de relatos, que foram interpretados com base na técnica de análise de conteúdo em sua dimensão qualitativa. Como resultado, verificou-se que o *bullying* está associado, em parte, a preconceitos sociais, a dificuldades decorrentes da formação moral de personalidades ligadas à fragilidade de modelos sociais encontrados no âmbito familiar e social. A pesquisa empírica revelou que os professores que dela participaram conheciam o problema, sabiam identificá-lo à luz dos parâmetros científicos e consideravam como causa a baixa autoestima das vítimas ou até mesmo dos agressores, o aprendizado de modelos agressivos oriundos das próprias famílias e o desejo do agressor de fortalecer o poder no âmbito grupal.

PALAVRAS-CHAVE: *bullying*. educação moral. ensino médio.

ABSTRACT: This research had as object of study the perception of teachers and students of State public schools of the city of São João do Piauí in relation to school bullying among high school students. The theme bullying has been studied widely in the fields of education, psychology and law, among others, referring to hostile attitudes, aggressive and even violent that systematically occur in interpersonal relationships in group settings. The research intended to contribute their results to students and professionals from the fields of education and educational psychology to extend the reflections on the subject and discuss possible interventions that can prevent or minimize the effect of school bullying. Objectives have to be achieved to analyze, under theoretical, socialization issues, attitudes, beliefs, prejudices, social moral personality formation, bullying and moral education and conduct empirical research on the perception of teachers and students on placement the school bullying. We opted for the empirical qualitative research methodological base, using the interview by

questionnaires as a tool for collecting reports, which were interpreted based on content analysis technique in their qualitative dimension. As a result, it was found that bullying is associated, in part, the social prejudices, the difficulties arising from moral personality formation linked to the weakness of social models found within social and family. new the problem, did identify it in the light of scientific parameters and regarded as cause the low self-esteem of the victims or even of the attackers, the aggressive models from learning of their own families and the attacker's desire to strengthen the power within group.

KEY-WORDS: bullying. moral education. high school.

Introdução

A expressão *bullying* tem sido gradativamente utilizada nos ambientes escolares, ultimamente, para se referir às atitudes hostis, agressivas e mesmo violentas que ocorrem sistematicamente nas relações interpessoais de alunos entre si ou de professores e alunos. *Bullying*, de acordo com Fante (2005)¹, é um termo inglês que se origina da palavra *bully* que significa brigão, valentão, tirano e designa comportamentos agressivos, antissociais, repetitivos e intencionais, praticados por uma ou mais pessoas. Caracteriza-se por atitudes ofensivas, intimidação, humilhação, constrangimento, isolamento, exclusão, difamação, agressão física e/ou verbal até mesmo furtos e está presente nas escolas, mas muitas delas negam esse tipo de comportamento em suas dependências e imediações.

Estudos da Psicologia, de um modo geral e particularmente da Social, oferecem contribuições para o entendimento da dinâmica desse fenômeno, a partir dos conceitos de crenças, valores, preconceitos e estereótipos.

Em Ferreira² encontramos o conceito de crença como “o ato ou efeito de crer, convicção íntima” (2007, p. 275). Considerando esta definição, é possível afirmar que a pessoa considera suas ideias, concepções e proposições verdades absolutas. As crenças podem se formar a partir da educação recebida ou pela imitação, isto é, de acordo com as verdades do

¹ FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

² FERREIRA, B. W.; RIES, B. E. *et al.* **Psicologia e Educação**: desenvolvimento humano. Adolescência e vida adulta. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

grupo do qual faz parte, o que permite supor que é bastante difícil haver qualquer mudança no que diz respeito a elas. Ainda sobre crenças,

[...] podem ser qualificadas como opiniões, boatos, dogmas, convicções e estereótipos [...] entre outras possibilidades de classificação, e participam, quando houver uma relação afetiva entre uma pessoa e algum objeto social, da atitude que aquela manifesta em relação a este (KRÜGER, 1986, p. 34)³.

Assim como a crença, a atitude também se forma a partir da convivência com o grupo, isto é, é aprendida e esse aprendizado se dá por imitação ou por reforço, por isso não é possível desvincular crença de atitude (FANTE, 2005). Para se tomar uma atitude em relação a um objeto, é necessário, além de conhecê-lo, que ele desperte algum tipo de afeto, seja positivo ou negativo. A definição de atitude pressupõe, para Rodrigues, Assmar e Jablonski⁴ “uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto” (2009, p.81). Uma atitude pode ser modificada quando se percebe que o que era tido como verdade é passível de dúvidas ou, ainda, como dizem os autores citados anteriormente, quando se modifica o afeto em relação a algo. Krüger (1986) afirma que a atitude tem uma função avaliativa, além de orientar a cognição, o afeto, a conduta e favorecer a argumentação (racionalização) para salvaguardar o “eu”.

A agressividade nem sempre aparece de maneira explícita nos comportamentos. Na maioria das vezes ela se manifesta através de “brincadeiras”, implicâncias, deboches, difamações, intolerância, sobretudo entre crianças e adolescentes e nem sempre chega ao conhecimento dos pais e professores.

O *bullying* compromete a socialização, que pode ser entendida como um processo que implica a assimilação da cultura, dos valores, dos hábitos, das crenças do grupo em que o sujeito está inserido. Segundo Krüger “socialização é um processo de preparação das pessoas para o desempenho de papéis sociais” (1986, p. 43), que são vivenciados de várias maneiras. Este desempenho favorece o ajustamento da pessoa a situações diversas no seu dia a dia, permitindo que aprenda, entre outras coisas, as normas de convivência, a linguagem e os costumes do grupo e a família é quem inicia a pessoa nesses ensinamentos, pois é o primeiro grupo no qual ela vive esta experiência.

³ KRÜGER, Helmuth Ricardo. **Introdução à Psicologia Social**. São Paulo: EPU, 1986.

⁴ RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 27. ed. ver. ampl. Petrópolis: Vozes, 2009.

A procura dos pais pelos consultórios de psicologia, relatando a resistência que seus filhos vêm apresentando no momento de sair para a escola tem se tornado cada vez mais frequente. Minha experiência como educador e psicopedagogo me fez perceber que tal comportamento vai desde a simples recusa a ir para a aula, à apresentação de sintomas como dores de cabeça, vômito, diarreia, febre, sudorese, taquicardia, dores musculares, entre outros. Nessas condições, ir para a escola torna-se quase uma tortura para esses alunos.

Tal observação motivou-me a estudar o tema e investigar qual a atitude adotada pela escola em relação ao fenômeno, isto é, qual o nível de conhecimento dos profissionais que atuam na escola sobre o problema e que intervenções costumam adotar tendo em vista, senão a extinção, pelo menos a minimização desse comportamento.

Pretendeu-se, através deste estudo, obter resultados que possam contribuir com os estudantes e profissionais da Educação e da Psicologia no sentido de ampliar reflexões sobre o *bullying* e apontar possíveis intervenções da escola para combatê-lo com maior eficiência. Muitos professores têm mostrado desconhecer o assunto; outros apresentam descrença em relação aos possíveis efeitos causados às vítimas; há ainda aqueles profissionais aparentemente cansados e impotentes, até mesmo, no exercício da profissão, que parecem desconhecer os critérios e os indicadores entre aquilo que muitas vezes é chamado de indisciplina escolar e aquilo que, na verdade, constitui agressividade e até mesmo violência, como nos casos de *bullying*. Para Candau⁵ “os docentes têm dificuldade em identificar as formas de violência presentes nas escolas e muitas vezes não se dão conta de que também estão envolvidos na situação e devem ser agentes de transformação social” (2002, p. 142). Desejou-se fornecer subsídios para discussão e conhecimento sobre um tema tão presente nas escolas, onde professores e alunos podem tanto ser vítimas como também assumir o papel de agressores. O trabalho do professor implica também uma prática social, daí a necessidade de preocupar-se com a realidade do aluno e sua formação, pois é esperado que haja uma reflexão diante da prática da violência e se busque combatê-la.

Definiu-se, então como objetivo geral entender os problemas causadores da prática do *bullying* em duas instituições escolares de ensino médio da rede estadual de São João do Piauí, estado do Piauí, a partir da visão do fenômeno por alunos e professores.

Os objetivos específicos foram conhecer os desafios na função docente relacionados ao *bullying*; enumerar os casos de *bullying* no âmbito escolar e compreender suas causas;

⁵ CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

identificar problemas de aprendizagem causados pela prática do *bullying* na escola; identificar as principais causas que levam agressores a encontrarem suas vítimas; estudar se existe participação da família no desenvolvimento de casos de *bullying*.

A fim de contribuir para a provocação de mudanças com relação às práticas de *bullying* resolveu-se realizar esta pesquisa. Para isso optou-se pelo método qualitativo, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista em profundidade, semiestruturada, através de questionários, o que facilita a participação do entrevistado, no sentido de ter maior liberdade para expressar seu pensamento, supondo-se então, que as respostas poderão apresentar maiores riquezas de conteúdo.

A elaboração das perguntas seguiu a direção dada pelo problema que norteia a dissertação e apoiou-se nas leituras realizadas. De acordo com Lüdke e André (1986)⁶, a entrevista semiestruturada acontece a partir de um esquema, porém este é flexível o que possibilita possíveis adaptações por parte do entrevistador. Ainda afirmam que num trabalho de pesquisa em educação, a entrevista menos estruturada é a mais indicada, pois, assim, o entrevistado se sente mais à vontade para responder e tecer seus comentários.

Para interpretação de resultados foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, na dimensão quantitativa e, principalmente, qualitativa, que pressupõe a interpretação das respostas dadas pelos entrevistados às perguntas feitas pelo pesquisador, de modo a criar um texto completo do qual foram extraídas as categorias de análise que nortearam a interpretação dos relatos.

A pesquisa foi realizada em duas escolas no município de São João do Piauí, no Estado do Piauí, sendo ambas da rede pública estadual. A escolha levou em consideração a localização, facilitando, assim, a coleta de dados para realização da pesquisa, uma vez que estão situadas no centro da cidade de São João do Piauí.

Os participantes desta pesquisa foram professores e alunos do Ensino Médio das escolas envolvidas. Optou-se por não aplicar o questionário aos pais pela dificuldade do pesquisador para coletar os dados, em função do tempo disponível para realização da parte empírica da pesquisa, considerando a suposição de que seria mais difícil contatá-los para participarem da entrevista.

Breve histórico sobre o *bullying*

⁶ LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

Origem do termo

O fenômeno *bullying*, como é entendido hoje, é tão antigo quanto a própria escola e acontece em escala mundial. Até o início da década de 1970 pouca atenção foi dada a esta prática, apesar de os professores e educadores terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima. Foi nesta época que iniciou um grande interesse de toda a sociedade por este problema, assim como pelas consequências que dele decorrem. Nesta mobilização, a Suécia foi o país pioneiro, logo em seguida estendendo para os outros países escandinavos.

No Brasil, o *bullying* ainda é pouco estudado, e por isso não é possível obter uma visão global do fenômeno para que possamos fazer uma comparação com outros países. O que se pode afirmar é que em relação a outros países, estamos muitos anos em atraso em estudos e pesquisas e, conseqüentemente, em políticas públicas de prevenção e intervenção.

Reflexos da cultura no ambiente escolar

Cientes dos pressupostos que permeiam nossa cultura, podemos nos questionar como essa cultura permeia e é refletida no âmbito escolar. Perguntamo-nos como se materializam na escola comportamentos como a competição, as exigências que essa competição traz, a maneira de avaliar o desempenho das tarefas, as recompensas, ou punições instituídas, e as próprias hierarquias de poder.

A competição é a própria alma do sistema capitalista e é, muitas vezes, utilizada pelos educadores como artifício para despertar a motivação e o interesse dos alunos em determinadas atividades. Isto pode gerar frustrações, visto que existe apenas um vencedor, inculcando ideias individualistas derivadas deste elemento cultural nos alunos e aumentando a probabilidade dos conflitos.

O aluno é constantemente incentivado a competir e a se comparar com padrões pré-estabelecidos e o modelo que lhe é apresentado na escola corresponde, na maioria das vezes, ao modelo competitivo das empresas capitalistas. A exacerbação e rigidez da aplicação de tais práticas pode gerar efeitos fortemente negativos. Daí a criação de ressentimentos e possíveis práticas do *bullying* pois estas exigências recebem uma ênfase especial e levam a pressões para que os comportamentos dos alunos se adéquem a tal cultura competitiva e individualista.

Alguns métodos pedagógicos utilizados também apresentam, de forma embutida e disfarçada, aspectos culturais que, de certa forma, podem servir de estímulo para o *bullying*.

A pesquisa de campo

A presente pesquisa foi realizada em duas escolas da rede estadual de ensino de São João do Piauí, ambas oferecem o Ensino Médio na modalidade regular. A escolha dessas duas escolas deu-se pela localização, ambas ficam na região central da cidade e, por conta disso, tornou-se mais fácil o acesso às escolas, o colhimento dos dados e às observações realizadas *in loco*.

Foram entrevistados um total de 20 professores (10 da escola EE1 e 10 da escola EE2) e 71 alunos (41 da escola EE1 e 30 da escola EE2, sendo 32 meninos e 39 meninas). As entrevistas foram realizadas através de questionários escritos, todos preservando a identidade dos entrevistados.

Ambas as escolas possuem um quadro de professores formado, em sua maioria, por profissionais habilitados para a área que exercem a docência. Os gestores são comprometidos com a educação, especializados em gestão educacional, o que faz uma sutil diferença no momento de tomadas de decisões.

Durante observações feitas nos espaços externos e internos às salas de aula, percebeu-se alguns comportamentos suspeitos quanto à prática de *bullying*. Brincadeiras de mau gosto, zombarias com colegas aparentemente mais frágeis, pequenas ameaças para que colegas disponibilizassem tarefas e trabalhos como também “colas” em avaliações.

Observou-se, também, um certo distanciamento de docentes e gestores na resolução de problemas dessas naturezas. A maioria sempre encara esses acontecimentos como “algo natural”, “coisas de meninos”. Sempre achando que aquilo não terá nenhuma intervenção social, física ou psicológica na vida dos envolvidos.

Dos professores entrevistados 4 têm entre 18 e 25 anos; 6 têm entre 25 e 30 anos; 8 têm entre 30 e 40 anos; e 2 têm mais de 40 anos. Grande parte dos entrevistados são professores com uma certa experiência na docência. Somente 2 dos professores entrevistados estão em início de carreira com menos de 5 anos de magistério, o que nos faz reafirmar que quase todos os professores já passaram por situações identificadoras como *bullying* e, no entanto, poucos entendem isso como algo que merece atenção e cuidado.

No quesito qualificação somente 4 dos professores pesquisados possuem apenas graduação, todos os demais já concluíram algum curso de especialização, o que deveria ser um fator de colaboração para o combate ao *bullying*. Um fator que merece atenção é o fato de que a maioria dos professores entrevistados, 12, serem contratados pelas escolas apenas em regime temporário, ou seja, a maioria dos docentes não faz parte do quadro definitivo das escolas. As constantes mudanças de professores contribuem para o fracasso no combate à existência do *bullying* pelo fato de que as ações preventivas e de combate precisam ser constantes e contínuas. Quando o professor muda constantemente de lotação, perde-se o foco dos trabalhos outrora realizados e os resultados ficam comprometidos.

Para fins de melhor compreensão e entendimento, resolvemos subdividir este capítulo em dois subtítulos para que os resultados dos questionários realizados com professores e alunos possam ser melhor analisados.

O bullying na visão do docente

Como já foi citado a presente pesquisa trabalhou com a visão de um total de 20 professores, sendo 10 de cada escola pesquisada. Não se percebeu resistência nem, tampouco, má vontade dos docentes em participarem das entrevistas. Optou-se pelo questionário escrito com perguntas mistas por deixar os entrevistados mais à vontade em responder com sinceridade e sigilo.

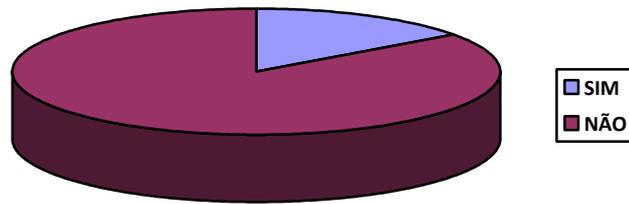
Foram um total de 12 perguntas, oito delas serão abaixo resumidas em dados gerais e, posteriormente, analisadas. Algumas perguntas trazem como resposta trechos fiéis dos depoimentos dos docentes.

Pergunta 1: Já participou de algum programa preventivo ou de redução da violência?

SIM: O que motivou sua participação?

NÃO: Por quê?

Gráfico 1 – respostas dos docentes à pergunta 1

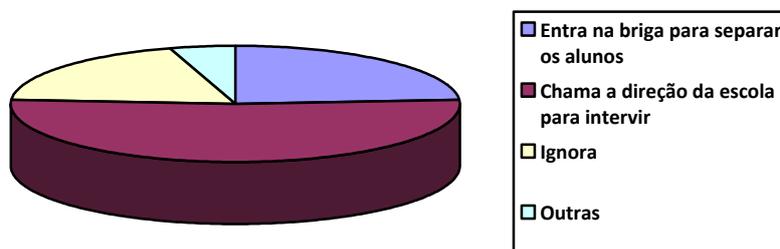


Somente 3 dos professores entrevistados afirmaram já ter participado de alguma ação preventiva ou de combate à violência. Segundo eles, já participaram de projetos interdisciplinares com foco no combate a diversos tipos de violência. Os demais afirmaram nunca terem tido acesso ou oportunidade a qualquer que fosse a ação voltada para o combate ao *bullying*. Alguns foram categóricos em dizer que é função da gestão das escolas oferecer e exigir que os seus professores realizem ações desse tipo. Outros alegaram que executam individualmente ações contra a violência escolar e/ou social.

É difícil para o professor realizar um projeto sozinho. (...) Acho que a gestão da escola é quem tem a obrigação de elaborar projetos e solicitar que os professores participem. Assim fica mais fácil de os professores executarem algum projeto (...) (Professora G da EE1).

Pergunta 2: Diante das agressões físicas entre alunos, o que você faz?

Gráfico 2 – respostas dos docentes à pergunta 2



Percebe-se, aqui, que a maioria dos docentes sempre recorre à direção, coordenação ou serviço de apoio educacional quando se veem em situações de conflitos físicos entre alunos em sala de aula ou em outras dependências dentro da escola. Além disso, o que mais assusta é o fato de ainda termos docentes que ignoram uma discussão ou briga entre alunos

como se nada estivesse acontecendo, como se aquilo fosse algo extremamente normal e que não exigisse um cuidado especial ou uma intervenção.

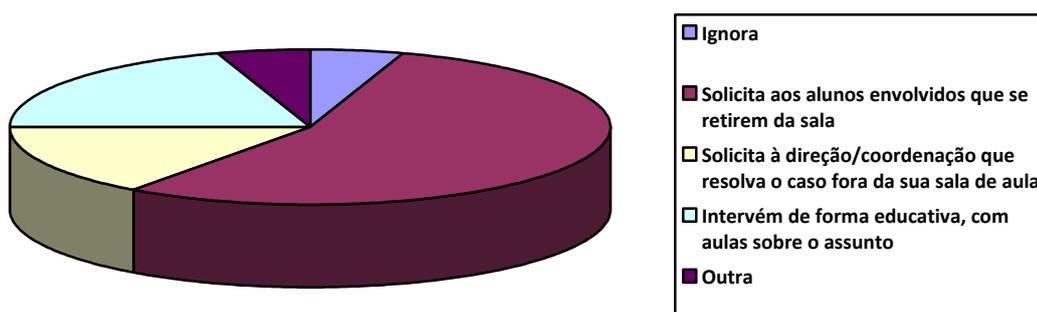
Eu, sinceramente, não me meto em briga de alunos. Já tive alunos muito agressivos, de procedências duvidosas. Não vou correr riscos. Sempre que acontece algo parecido nas minhas aulas chamo logo a diretora para resolver (Professor D da EE2).

(...) até já quebrei um dedo da mão quando tentei separar uma briga entre alunos durante a minha aula. Mesmo tendo acontecido isso já separei alunos outras vezes, não há outra coisa imediata a fazer que não isso (...) (Professora C da EE1).

Embora nunca a diretora resolva eu sempre prefiro chamá-la para levar os alunos “brigões” para a diretoria. Acho que a função de resolver isso é dela, não minha enquanto professor (...) (Professor A da EE2).

Pergunta 3: Diante de agressões morais ou verbais entre alunos, o que você faz?

Gráfico 3 – respostas dos docentes à pergunta 3



Interessante observar como a prática tradicional de colocar o aluno para fora da sala de aula ainda persiste nos dias atuais. Mesmo com inúmeras capacitações e reflexões constantes sobre as novas práticas de ensinar muitos professores ainda insistem em tirar o aluno da sala de aula quando este pratica algum ato entendido como desapropriado pelo professor. É isso que a maioria dos entrevistados faz quando acontece alguma discussão acompanhada com agressões morais ou verbais entre alunos. Ou seja, o problema não é atacado de perto e continua a existir mesmo com os discentes fora da sala de aula.

Percebeu-se, pelas entrevistas, mais uma vez, que muitos professores ainda colocam nas mãos da gestão o poder de intervenção com alunos que vivenciam o *bullying* como se eles não fossem capazes de intervir ou, no pensamento de alguns, não sendo deles a competência para administrar tais problemas.

Não perco tempo com aluno que não quer nada. Não posso prejudicar aqueles que vêm pra escola pra aprender alguma coisa. (...) Se só quer atrapalhar coloco imediatamente para fora da sala (...) (Professora G da EE2).

Pergunta 4: Qual o conceito que você tem sobre o *bullying*?

Quase todos os professores entrevistados foram unânimes ao responder que o *bullying* sempre existiu, mas que agora está “na moda”. Percebeu-se um certo descompromisso de um docente ao tratar sobre o assunto quando o mesmo afirmou:

(...) na verdade tudo isso está acontecendo porque a mídia está dando muita ênfase a certos acontecimentos. No meu tempo tudo acontecia em sala de aula do mesmo jeito que acontece hoje e não tinha nada demais. Apelidos sempre existiram e sempre vão existir. Do mesmo modo que sempre vai existir um aluno mais propenso a ser o alvo de chacotas e zombarias (...) (Professor D da EE2).

De certo que o *bullying* sempre existiu, mas não é por isso que, enquanto educadores, além de cidadãos, temos que fechar os olhos e achar que está tudo bem, que sempre vai existir um aluno mais vulnerável a ser atacado. Assim como temos muitos casos de alunos que sofreram *bullying* e souberam superar de forma que nada do que sofreu teve intervenção negativa direta na sua vida também temos casos simples que fizeram toda uma diferença no modo de viver de uma criança, adolescente ou até mesmo adulto.

Pergunta 5: Como você identificaria que um aluno está envolvido com *bullying* (vítima, agressor e/ou espectador)?

Por ser algo já bastante cotidiano, está cada vez mais normal presenciar situações de *bullying* dentro do ambiente escolar. Os professores entrevistados foram enfáticos ao dizer que muitos alunos demonstram claramente estarem envolvidos, de alguma forma, com agressões e intimidações a colegas. É bem característico, e comum, encontramos as situações abaixo descritas em sala de aula:

(...) Notei algo de diferente porque o aluno era bastante responsável e pontual e só sentava nas carteiras da frente, próximo à mesa do professor. Sem motivos aparentes ele passou-se a sentar-se no fundo da sala, próximo a um aluno um tanto “rebelde”, sempre nos dias de avaliação. Os olhares dos outros colegas, os risos e as piadinhas confirmavam que aquele menino estava sendo acuado pelo outro colega (...) (Professora B da EE1).

Tive um aluno, no ano passado, que era um menino excelente. Só tirava ótimas notas, escrevia e falava muito bem. Como ele lia com excelente entonação e dicção eu sempre preferia que ele lesse os textos em voz alta para que todos acompanhassem e, certo dia, percebi uma certa rejeição por parte da turma. Alguns risinhos, algumas expressões pejorativas que intimidaram e deixaram o garoto constrangido. Depois disso, percebi que ele não pedia mais para ler e nem aceitava os meus convites para fazer a leitura em voz alta. Percebi também que as notas dele caíram consideravelmente. Ele não tinha mais aquele rosto alegre de sempre (...) (Professora H da EE1).

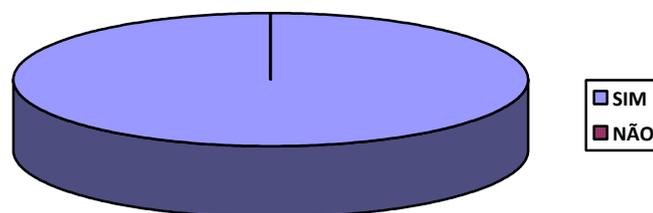
(...) Depois que aquela aluna foi suspensa por ter brigado com a colega depois de uma discussão que envolveu opção sexual e religiosa, percebi que um determinada garota, que sempre andava com a agressora, não parava de sorrir achando tudo aquilo muito divertido. Segundo os outros colegas, ela sempre apoiava e ajudava a agressora a “alfinetar” a vítima, mas nunca confrontava-se com esta (Professor A da EE2).

Pergunta 6: Já considerou algum caso de violência que poderia considerar como *bullying*?

SIM: Que aspectos foram considerados para essa afirmação?

NÃO: Como imagina que seja uma situação caracterizada pelo *bullying*?

Gráfico 4 – respostas dos docentes à pergunta 6



Todos os professores entrevistados foram unânimes em afirmar que já presenciaram algum caso de *bullying*. Alguns considerados *naturais* como xingamentos, apelidos (*baleia assassina, quatro olhos, magricela, bicha, viado* entre outros) e outros mais *sérios* como agressões gratuitas, fofocas que terminam em brigas físicas, ameaças, armadilhas. A maioria dos casos são percebidos pela observação do comportamento dos alunos em sala de aula, pelo desenvolvimento das ações de cada um (quando o professor passa um determinado tempo com uma turma passa a conhecer um pouco sobre as individualidades e personalidades de cada educando, o que possibilita que ele perceba um desvio de comportamento).

(...) o maior problema disso tudo é pensar que quando um aluno apelida o outro e a sala toda ri, inclusive o professor, não é entendido como bullying. Temos que ficar

bastante atentos às expressões faciais e aos comportamentos dos nossos alunos (...) (Professor A da EE2).

Tive um aluno no ensino fundamental e acompanhei-o em várias séries até chegar no ensino médio. Sempre percebi que desde pequeno ele sempre tomava o lanche dos colegas na hora do recreio. E por mais que alguns reclamassem com a coordenação o garoto nunca deixava de praticar isso. Até hoje, mesmo mais maduro, ele ainda faz isso (Professora J da EE1).

Pergunta 11: Discute sobre violência e temas relacionados em suas aulas?

Grande parte dos docentes entrevistados alegou problemas com os dias letivos e com a carga horária exigida pelas legislações educacionais, o que dificulta externar outros assuntos, que não os programáticos, em sala de aula.

Há uma exigência enorme do sistema educacional com relação ao cumprimento dos dias letivos e dos conteúdos programáticos. Nós ficamos tão presos a isso que acabamos não conversando e tratando de assuntos alheios à programação mas totalmente necessários de serem discutidos pela sociedade (...) é preciso haver uma reforma no currículo (...) (Professora J da EE1).

Mesmo assim, existiu quem achasse possível tratar de assuntos outros com os alunos em sala de aula:

Sempre tive essa preocupação de estar discutindo com os alunos temas das novelas, dos filmes, das músicas. O mundo dos alunos precisa ser visto também dentro da escola, isso ajuda a inteirar o aluno na sala de aula, ele discute sobre aquilo que conhece, vivencia (...) (Professora B da EE2).

Pergunta 12: O que mudaria no ambiente escolar para reduzir a violência?

Muitos educadores afirmam que o principal agente na escola capaz de reduzir a violência é o gestor. Segundo os docentes, mais que do professor é tarefa principal do gestor intervir para reduzir a violência na escola.

Não acho que seja do professor a função de reduzir a violência na escola. O diretor é que tem que ter um plano de ação que preveja a redução e, posteriormente, a extinção da violência dentro do ambiente escolar e nas suas proximidades (...) (Professor H da EE2).

Embora a maioria seja adepta do mesmo pensamento do Professor H da EE2, alguns pensam que o professor tem papel primordial no combate à violência:

Me sinto *[sic]* meio impotente em algumas situações, mas acho que o professor pode intervir no combate ao *bullying* sempre conversando com os alunos, apresentando

situações em que os mesmo discutam e percebam que a violência não é o melhor caminho. O professor é tido como exemplo para os alunos, por isso que a repulsa aos casos de violência deve ser externada aos discentes em sala de aula (Professora B da EE1).

(...) não temos escolhas, já que escolhemos ser professores temos de realizar nosso trabalho com compromisso e determinação. Se o professor é tido como exemplo para o aluno, então é função também do professor passar coisas positivas para os alunos, mesmo que isso não esteja na programação curricular (Professora J da EE1).

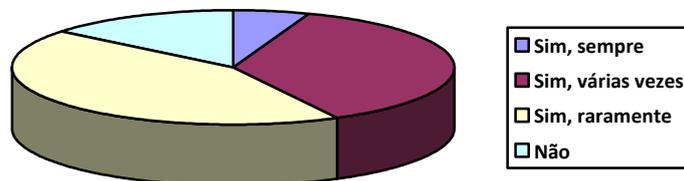
O bullying na visão do discente

Para essa pesquisa usamos uma amostra com 71 alunos, sendo 39 mulheres e 32 homens, estudantes das duas escolas pesquisadas. Os alunos foram escolhidos esporadicamente sem nenhuma coação ou exigência de participação. Foram entregues questionários para todos os alunos do Ensino Médio das duas escolas pesquisadas, no entanto, apenas os 71 citados responderam à solicitação. Os alunos estão inseridos na faixa etária entre 14 e 18 anos de idade.

Os alunos entrevistados responderam a 10 perguntas, todas objetivas, com múltiplas escolhas para facilitar a compreensão e a interpretação dos resultados, sete delas estão abaixo especificadas.

Pergunta 1: Você já viu um ou mais alunos acertando, chutando, empurrando ou ferindo fisicamente outros colegas durante as aulas?

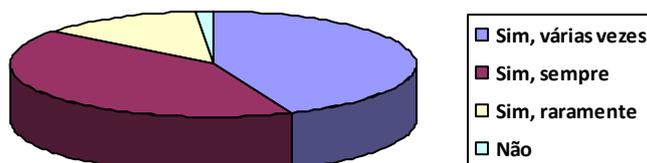
Gráfico 8: respostas dos discentes à pergunta 1



Preocupante saber que a maioria dos alunos já presenciou, uma vez que fosse, algum ato de agressão entre alunos. Isso demonstra a atualidade e “normalidade” do *bullying* no ambiente escolar.

Pergunta 2: Você já ouviu algum aluno ou grupo de alunos falando palavrões ou apelidando outros alunos durante as aulas?

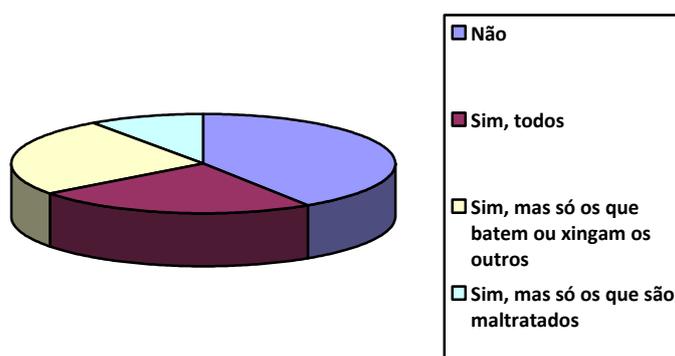
Gráfico 9: respostas dos discentes à pergunta 2



Somente 1 entre os 71 alunos pesquisados nunca ouviu nenhum colega falando palavrões ou apelidando pejorativamente algum outro colega de sala ou de escola. Isso nos remete a reiterar o caráter cotidiano com que os casos de *bullying* estão acontecendo dentro das nossas escolas.

Pergunta 3: Com relação à questão anterior, são sempre os mesmos alunos envolvidos?

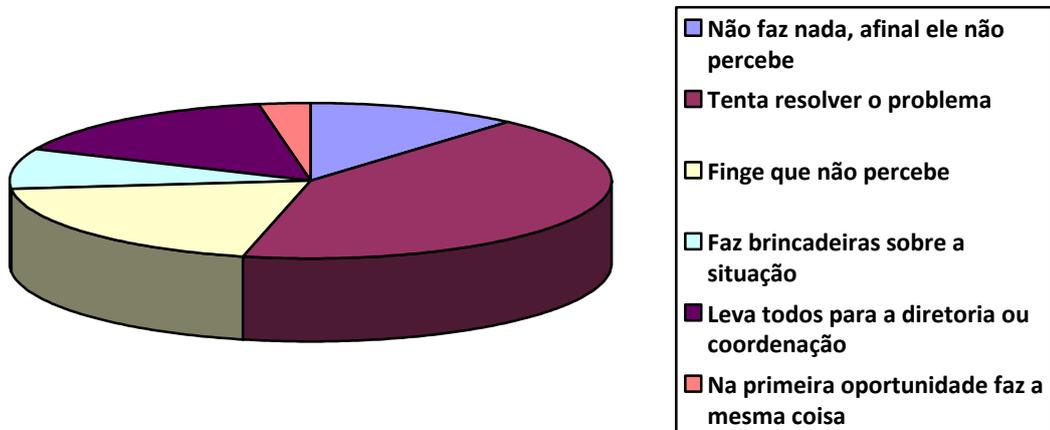
Gráfico 10: respostas dos discentes à pergunta 3



Outro dado interessante. Quando os alunos entrevistados afirmam que a maioria dos agressores não são os mesmos de sempre, percebemos a naturalidade com que todos percebem os atos de apelidar os colegas, mesmo que inocentemente.

Pergunta 5: O que o professor faz quando alguém: fala palavrões, apelida ou humilha algum aluno?

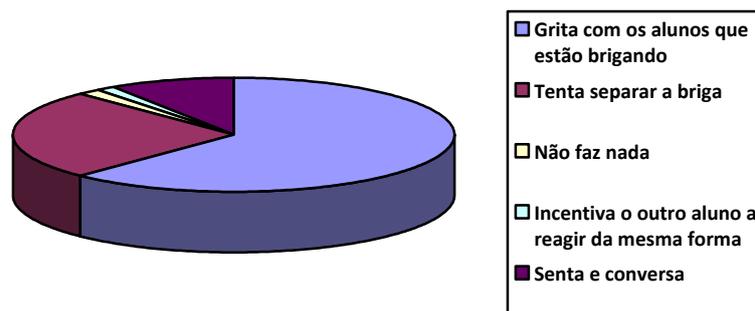
Gráfico 12: respostas dos discentes à pergunta 5



Aqui a maioria dos pesquisados reconhece que os professores, quando em situações conflitantes em sala de aula, tentam resolver o problema conversando e exigindo respeito de todos. Contudo, uma parcela considerável acha que os professores fazem de conta que nada está acontecendo, ficando totalmente inertes à situação. Outra parcela confirma que os professores passam o problema para ser resolvido pela direção e/ou coordenação da escola.

Pergunta 6: Como seu professor reage quando há brigas durante a aula?

Gráfico 13: respostas dos discentes à pergunta 6

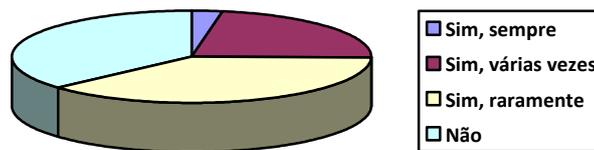


Nesse questionamento os discentes foram quase unânimes em afirmar que os docentes preferem demonstrar um caráter autoritário usando a voz para repreender os alunos agressores do que tentar resolver a situação com calma e paciência, demonstrando alteridade e bom senso.

Outros acreditam que os professores entram na briga e tentam separar os alunos envolvidos na confusão.

Pergunta 9: Você já foi vítima de boatos, apelidado, xingado ou agredido por outros colegas?

Gráfico 16: respostas dos discentes à pergunta 9

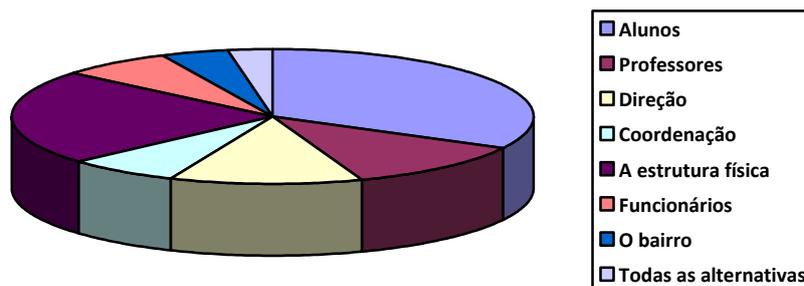


Embora a maioria dos alunos afirme já ter sido, pelo menos uma vez, agredido verbalmente por algum colega, grande parte atesta estar escape desse problema e nunca passou por situação constrangedora ou humilhante.

Esses dados nos faz pensar, entretanto, que mesmo sem nunca ter sido vítima de boatos, apelidos pejorativos, xingamentos ou qualquer outro tipo de agressão, muitos alunos conhecem o que é o *bullying* uma vez que já presenciaram atos preconceituosos, humilhantes ou intimidantes.

Pergunta 10: O que você mudaria na sua escola para reduzir a violência? (Poderá marcar mais de uma alternativa)

Gráfico 17: respostas dos discentes à pergunta 10



Acentua-se, nessa questão, o foco do *bullying* nos colegas de sala ou da escola. É considerável o número de alunos que coloca nos outros alunos a culpa para a existência de violência na escola. Professores e direção da escola também é item que requer atenção, percebemos uma certa rejeição dos alunos a esses profissionais, talvez pela maneira com que lidam com os problemas envolvendo o *bullying*.

O quesito estrutura física também foi bem focado. Muitos alunos entendem que um espaço maior, e melhor organizado, pode ser um fator relevante ao combate ao *bullying*.

Considerações finais

A presença do *bullying* é, sem sombra de dúvida, extremamente prejudicial, pois diferentemente das demais ocorrências de violência, essa traz consigo inúmeras consequências danosas à saúde física, mental e social dos envolvidos, sejam como vítimas, como agressores ou como testemunhas.

O desrespeito e a violência entre os estudantes sempre foi tema de interesse do pesquisador, o que a motivou para realização deste trabalho. O *bullying* tem sido considerado, nos últimos tempos, um fenômeno preocupante para profissionais da Educação e da Psicologia e até mesmo de outros campos do conhecimento, como Sociologia e Direito, pelas consequências pessoais e sociais que produz, gerando instabilidade na convivência interpessoal, dor e sofrimento às pessoas envolvidas nessa prática, tanto para a vítima como para o autor e espectadores e o ambiente, de modo geral.

A pesquisa pretendeu investigar a percepção de professores e alunos em relação ao *bullying* escolar e para tal foram contatados professores e alunos de escolas públicas estaduais do município de São João do Piauí, estado do Piauí, que revelaram conhecer o fenômeno e saber identificá-lo no ambiente escolar, embora um dos professores entrevistados tenha se referido ao *bullying* como “brincadeira de mau gosto”, confirmando a tese de Pereira (2009, p. 55)⁷ segundo a qual os professores não estão capacitados para diferenciar *bullying* de brincadeiras. O tema tem sido divulgado na mídia, os livros didáticos de diversas disciplinas também o abordam com comentários de pessoas que o experimentaram, sobretudo no papel de vítimas. Pelos estudos feitos, observações e pesquisa realizada, uma das causas mais compreendidas como fator preponderante para o *bullying* é o modelo agressivo familiar, isto

⁷ PEREIRA, Sônia Maria de Souza. *Bullying* e suas implicações no ambiente escolar. São Paulo: Paulus, 2009.

é, a criança e o adolescente reproduzem o que aprendem na família, seja violência propriamente dita ou a educação equivocada em que se combate a violência fazendo uso da mesma.

A escola não pode ficar indiferente ao tema e nem naturalizar os fatos, como se fosse apenas uma “brincadeira” e, nesse caso, é importante que se trabalhem no contexto escolar temas como *bullying*, agressividade, violência dando oportunidades aos alunos de discutirem o assunto, falar de suas experiências. É como afirma Lucas (*apud* Candau): “O mestre tem que estar preparado para falar de temas como violência. Ele deve saber quais são os problemas de seus alunos e estar preparado para, pelo menos na escola, ajudá-los, conquistando assim o respeito deles” (2002, p. 155). É necessário que educadores auxiliem a geração mais nova a buscar o valor da vida, fazendo com que o respeito às diferenças e a aceitação do outro possam ser referências presentes nos relacionamentos e na convivência social. Porém, primeiramente, é preciso que não se perca a sensibilidade como valor indispensável à vida humana. A escola deve intervir nos pequenos atos de agressividade dirigidos ao outro para que não se transformem em desrespeito ou até mesmo violência, pois banalizá-la favorece o descaso frente ao compromisso educativo que deve assumir em relação ao ser humano e à sociedade.

De modo geral, a pesquisa revelou que os professores entrevistados demonstraram preocupação com o tema, interesse em trabalhá-lo no sentido de coibir essa manifestação no contexto escolar em integração com as famílias.

Quando tratamos das entrevistas pelos alunos, percebemos a naturalidade com que eles encaram a existência do *bullying* no cotidiano escolar. É como se o fenômeno já fizesse parte das atividades diárias. Agredir, ser agredido ou ver agredir está sendo encarado como algo corriqueiro, trivial. É preocupante perceber também que todos os alunos já estiveram, pelo menos uma vez, envolvidos em casos de *bullying*, seja como agressor, vítima ou espectador.

Extinguir o *bullying* escolar é um grande desafio, porém o desejo de viver em uma sociedade mais generosa, em um mundo melhor é que nos faz acreditar que é possível uma ação conjunta entre família e escola no sentido de promover o respeito, a tolerância, a aceitação do outro e de si mesmo.

Acabar definitivamente com o *bullying* pode parecer uma utopia, em uma sociedade capitalista e individualista onde a visão de que o “ter” prevalece ao “ser”, mas é um desafio que nos inspira a lutar por um mundo melhor, uma sociedade mais justa, um mundo melhor

para deixarmos para as gerações futuras. E isso só poderá ser conseguido quando nenhuma vítima do *bullying* se esconder por trás de suas lágrimas, de seu sofrimento, de seu silêncio.

Referências

CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

FERREIRA, B. W.; RIES, B. E. *et al.* **Psicologia e Educação**: desenvolvimento humano. Adolescência e vida adulta. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

KRÜGER, Helmuth Ricardo. **Introdução à Psicologia Social**. São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying** e suas implicações no ambiente escolar. São Paulo: Paulus, 2009.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 27. ed. ver. ampl. Petrópolis: Vozes, 2009.